

Cambó e a conferência de Génova

A Seara Nova tem hoje a subida honra de arquivar nas suas páginas alguns extractos da conferência que Francisco Cambó, ilustre caudilho catalão, realizou em 11 de Maio último na Residência de Estudantes, em Madrid, sobre Génova e as consequências económicas e financeiras da guerra.

Cambó é, na moderna Espanha, quasi um simbolo, simbolo consciente das realidades, renitente a todas as falsas ideologias e a negação mais autêntica do dogmatismo politico.

Foi precisamente a própria convicção de que só as realidades a nossa intelligência e a nossa actividade devem dedicar-se, que o levou certo dia, no Parlamento, a declarar-se «realista», parece que no sentido da Realpolitik germânica.

Rovira, no Nacionalismo Catalão, declarou-o um pragmático, afirmando que, para Cambó, as ideas, os principios, as atitudes doutrinaes, valem pela sua eficiência, pela sua fecundidade, pelos seus efeitos positivos.

Conservador, Cambó chega a exteriorizar as suas ideas e a confirmar a opinião de Suñol de que estaria muito melhor situado num partido radical, pelo seu temperamento de revolucionário, do que na direita da Câmara,—proferindo esta frase: «Me gustaria ser de la izquierda».

Nós não curaremos de a discutir, porquanto não foi nosso intuito vir até aqui debater esta ou aquela frase que denuncia este ou aquêle espirito. Para nós o que marca, o que acentua e sublinha um vulto, seja êle politico ou literário, artistico ou scientifico, é o coeeficiente de acção, melhor de trabalho sincero que cada um, de per si, oferece à colectividade para sua maior perfeição, desenvolvimento e elevação moral.

E' por isso que os homens da Seara Nova, tendo sempre bem presente o que, entre outros, Lutalowski proferiu com maior clareza: «O homem em quem primeiro se manifesta a consciência nacional é o verdadeiro criador da nacionalidade»,

Ampliando uma outra, realisada exactamente cinco anos antes, em plena guerra, o culto estadista que então previa e proclamava «a tragédia terrivel que ao terminar a guerra esperava todos os povos em luta, fosse qual fosse o resultado da épica contenda» e os remedios heróicos com que era preciso acudir aos formidáveis estragos já realísados,—demonstrou a interdependência politico-económica que prende o interesse de cada estado a todos os outros, e o perigo formidável da política de estritos interesses, de nacionalismos económicos que certas potências, cegas ao interesse da civilização e do mundo, se empenham em manter, descuidadas e inconscientes duma catástrofe que liquidará talvez a Europa.

Daremos, da magnifica conferência do grande caudilho catalão, apenas algumas passagens, na impossibilidade material de integralmente a publicarmos.

Depois de ter dito como o mundo carece dum largo tratamento, feito com amplas vistas e um sentido de conjunto

d'ora ávante dedicará uma parte da sua actividade espiritual ao estudo dos problemas ibéricos e, consequentemente, ás múltiplas questões intrinsecas que diante deles se apresentam numa situação de dependência.

A publicação, nas suas páginas, de colaboração catalã e galega, não se póde nem se deve interpretar como uma adesão ao nacionalismo desejado por aquêles grupos étnicos e provincias de Espanha. Não se deve interpretar tal facto como um tácito acôrdo, porque, quando julgarmos da sua oportunidade, então e só então, emitiremos os nossos pontos de vista; e esta oportunidade, só surgirá no decurso da exposição apreciativa do problema peninsular, tão complexo, tão discutivel e de tão grande interesse, quer politico, quer económico.

Da inserção de originaes catalães e galegos, se se quizer, poder-se há inferir que o que orienta os homens da Seara Nova, antes e para além de tudo, é um principio que se poderá exteriorizar nas seguintes palavras:—pensar na formação de blocos luso-hispano-americanos, sem que ao estudo das reivindicações de certas massas de povos homogêneas, características e individuais se tenha dedicado entre nós, modernamente, uma atenção proveitosa, de modo a ajuizar da razão de ser dos seus idealismos — seria precipitar a evolução politica ibérica, o que implicaria de certa maneira consequências desastrosas e imprevistas.

Concretizando:—a Seara Nova pensa que Portugal não deve, perante a Espanha, como a Espanha perante Portugal, permanecer numa attitude, indifferente, para não dizermos inconsciente, porque deve reconhecer que existem interesses pluriformes, mas comuns, que urgente e permanentemente requerem um exame sincerissimo, honesto e consciencioso, que nos indique a directriz da melhor solução para os interesses dos dois países, no sentido mais espiritual e elevado.

do mal que quasi todos os povos provocaram e realisaram com uma ordem, um critério genial e diabólico, nota como falta hoje, para a obra urgentissima de restauração, uma ordem, um sentido, uma autoridade capaz de a dirigir.

«O campo de destruição estende-se, diz, ao mundo inteiro, a todas as manifestações da vida, e, frente a essa crise universal, apenas actuam factores estreita e puramente nacionais; não há nenhuma autoridade que estenda o seu prestigio e a propria autoridade a todo o campo por onde se alastra a perturbação. E este é um facto novo na história das grandes catástrofes humanas, porque esta é a única guerra em que todos acabaram vencidos, sem que, como em outras guerras, os vencedores hajam obtido uma hegemonia ou adquirido uma autoridade que lhes permita estabelecer uma nova ordem capaz de substituir a ordem destruida.

«A Revolução Francesa, a que poderíamos chamar conflagração, possuiu Napoleão que, na realidade, foi mais politico que guerreiro, e para quem a primordial «tarefa pro-

«dencial foi estender a sua actividade e a sua força por toda a Europa deslocada, criando, sobre as ruínas da Revolução, um novo regime, um novo direito e um novo sistema».

Mais que durante a guerra, é hoje, na paz, necessária uma única frente, não «uma frente de um grupo de povos contra outro, mas uma frente comum de todos os povos para vencer e dominar a perturbação em que vive o mundo.»

A constituição dessa frente é difícil, o acôrdo entre os vários países desmancha-o, impossibilita-o a política estreita, unilateral de cada um.

«A autoridade capaz de dar fim à perturbação de que sofre o mundo podia ser um organismo, — a Liga das Nações, mas a Liga das Nações é uma das vítimas do post-guerra, sem valor, autoridade ou força alguma; podia ser um homem, com força bastante para sobrepôr-se ao próprio ambiente e ao próprio interesse nacional, para sómente se preocupar com o problema total e de conjunto; mas se, de todos os directores de povos, o único que até certo ponto tem essa noção e êsse sentido é Lloyd George (talvez porque os interesses ingleses, pela sua enorme extensão e complexidade, parecem coincidir por vezes com o interesse da humanidade) — também Lloyd George não pode esquecer que é inglês e que lhe confiaram a defesa de interesses ingleses, sem que mingüem a sua força, o seu prestígio e a sua autoridade, combatidos por factores importantes de Inglaterra, e não reconhecidos pelos Estados Unidos e pelos próprios aliados discutidos.» Fracassada a instituição, impossível o homem, «só pela imposição de uma ideia, pela sua influência na opinião universal, se poderá levar os povos até á coincidência dos seus interesses e aspirações.»

Fruto de uma lenta e laboriosa tarefa, será essa coincidência. Mas não há para o problema actual outra solução, «e os homens esforçados, generosos e heróicos, de cada país, deviam preocupar-se com difundi-la e exaltá-la, sobrepondo-se aos pontos de vista exclusivamente nacionais, arrostando com a impopularidade e dizendo ao mundo toda a verdade do momento presente, porque tenho a convicção, filha da minha fé nos destinos humanos, de que esta verdade fará caminho nas consciências e acabará por impôr-se e triunfar.»

*

Assinala Cambó, a seguir, o grande avanço, no bom caminho, que marca, em relação às outras conferências internacionais de depois do armistício, o facto de em Génova se encontrarem representadas, em pé de igualdade, todas as nações, embora preveja o seu fracasso por os povos lá representados não estarem preparados para ouvir e resignar-se à verdade, e «haver ainda, na consciência colectiva de cada povo, uma enorme quantidade de toxinas, de ilusões absolutamente incompatíveis com a solução de concórdia capaz de uni-los a todos. Os acordos dos homens, quando não correspondem a um estado de consciência dos seus povos, estão condenados ao fracasso.» A conferência de Génova porém, apesar de tudo, não será inutil. Graças a ela se terá dado um grande passo no sentido da paz, pela liquidação de ilusões inimigas e inúteis.

Examina a seguir o estado actual de consciência dos povos que desempenham papel principal na surda e terrível conflagração em que vivemos.

«A França só admite que os vencidos, sobretudo a Alemanha, paguem integralmente as reparações dos desastres sofridos e, em parte principalíssima, o importe das dívidas que durante a guerra a França contraíu.

«O estado de consciência alemão, — o íntimo, o que se não proclama, — não admite, por seu lado, que a Alemanha possa pagar coisa alguma porque julga que o império alemão deve concentrar todas as suas forças para cicatrizar as próprias feridas, pagar as suas dívidas e organizar a sua nova economia, em consequência das desmembrações que sofreu.

«A Inglaterra pensa apenas em manter duas coisas, a meu vêr incompatíveis: a libra alta, de modo que sirva de *standard* ao comércio internacional e se aproxime da paridade oiro, e uma indústria em plena actividade, com franco acesso em todos os mercados do mundo.

«Os Estados Unidos, esses, querem consolidar a posição económica, que adquiriram durante a guerra, de grande país exportador, e que a Europa não só lhes compre os seus produtos, mas lhes pague também as importâncias que deles recebeu.

«A Russia crê que não pode pagar as suas dívidas, e pede ao mundo inteiro lhe adeante quantias enormes, sem que a sua soberania económica padeça e sem menoscabo de sua autoridade sobre a própria economia. Quanto à integridade dos seus princípios comunistas, creio que facilmente se chegaria a uma transacção.»

Da incompatibilidade destes estados de consciência resulta a crise ameaçadora de que sofre o mundo.

«A evolução dos povos é lenta, principalmente quando é dolorosa. O povo, como o indivíduo, conforma-se rapidamente com o que o beneficia, mas só difícil e tardiamente com o que lhe é penoso; e, como a evolução do estado de consciência necessário a cada povo e ao mundo tem de ser penosíssimo, forçosamente será também lenta e difícilima.

Falta a coragem, frente aos preconceitos e aos interesses de cada povo, a coragem de dizer o verdadeiro interesse, a verdade que ao mesmo tempo servirá esse povo e a colectividade humana. A obrigação de cada homem que não tem responsabilidades na situação do mundo, é de dizê-la, clamá-la bem alto.»

Assim, Cambó passa a expôr a parcela dessa verdade essencial que cabe a cada povo.

«A Alemanha, diz, não admitiria hoje a verdade de que tem o dever de reparar na medida das suas forças todos os danos causados, entendendo-se que a capacidade de pagamento deste país tem que determinar-se pelo que pague o país que mais pagar na Europa e mais alguma coisa ainda, pelo facto naturalíssimo de que os cidadãos dum país que perdeu uma guerra como a última, os desta geração como talvez os da futura, dadas as fantásticas proporções da contenda, hão de fatalmente encontrar-se reduzidos a uma situação de inferioridade, se não capaz de destruir todo o estímulo e provocar a emigração de homens e capitais, pelo menos suficiente para obrigar a um maior esforço no sentido de proporcionar-se o mesmo grau de bem estar. E esta é a verdade que por enquanto não entra ainda na consciência do povo alemão, cuja indústria, não sómente não sofre a crise de outros povos, mas gosa, pelo contrário, duma relativa prosperidade e, portanto, de um regime efectivo de vantagem.

«A França, a Bélgica e a Sérvia, países que mais sofreram durante a guerra, terão de convencer-se de que toda a capacidade de pagamento da Alemanha não será, decerto, suficiente nem para as reparações dos danos causados, e que enquanto a dívidas por eles contraídas durante a guerra, eles próprios terão que liquidá-las.

Mas esta verdade não a podem admittir hoje nem a França, nem a Sérvia, nem a Bélgica.

«Por sua vez a Inglaterra tem de convencer-se de que,

enquanto tiver uma dívida de mais de 8.000 milhões de libras e a sua moeda se aproximar da paridade — oiro, — os seus encargos financeiros, traduzidos em impostos pesadíssimos, colocarão a sua indústria numa difícil situação, obrigando-a a optar entre a redução desses encargos ou a sacrificar a sua produção. A Inglaterra também não aceita, por enquanto, nenhuma destas soluções.

«Os países credores da Rússia não se resignariam, por enquanto também, a renunciar à cobrança dos seus créditos, nem a aceitar, para manter uma ilusão de pagamento, — algo parecido com essas acções de terceira, quarta ou quinta categoria que emitem as Sociedades falidas, quando têm de pedir novas contribuições de capital que só se adquirem criando acções privilegiadas e apenas deixam às anteriores uma débil esperança. Pela mesma razão, os países a que me refiro menos aceitarão ainda que, por um dever de solidariedade internacional e por seu próprio interesse, tenham de ceder à Rússia novos fundos cujo pagamento será, por sua vez, difícil de garantir integralmente.

«A Rússia e os seus chefes deviam também resignar-se a esta outra verdade, hoje não aceite, de optar entre o seu aniquilamento actual e a perda da sua soberania económica futura, pois só conseguirão créditos, de que precisam, alienando para o futuro a maior parte da sua força económica e riquezas naturais, insuficientes, provavelmente, para cobrir os encargos financeiros das somas enormes de que a Rússia precisa para se reconstruir.»

«Os Estados Unidos deviam convencer-se de que, para cobrar, da Europa, o que esta lhes deve, têm de auxiliar, com fortes somas, a sua reconstituição, e os neutros que devem restituir ao património comum, dando-os à obra de restauração mundial, — os lucros de guerra que ainda não restituíram sob a forma de especulação em moeda estrangeira. E os patrões, por toda a parte, devem resignar-se a considerável diminuição na margem de lucros a que estão acostumados. E os operários habituarem-se também a trabalhar mais e a ganhar menos...»

*

Quatro são, segundo Cambó, os factores da perturbação de que sofre o mundo: «a perturbação monetária, o montante absurdo, irracional, das dívidas dos estados, o problema russo e o estado de espírito dos Estados Unidos.»

A grande alavanca do intercâmbio internacional, que era a moeda oiro, quebrou-a a guerra. «Hoje a moeda é apenas um elemento de alteração, correndo-se menos risco contraindo o câmbio de produtos por produtos do que através da moeda. Daí, da oscilação constante do valor da moeda, a enorme carestia da vida...»

«A irregularidade louca e oscilante dos câmbios mata os estímulos do produtor, porque o produtor de hoje não realiza benefícios segundo o seu grau de inteligência e perfeição, a montagem da sua instalação e do seu mecanismo de trabalho, mas apenas conforme o seu acerto ou a sua sorte em proteger-se dos câmbios e em realizar compras e vendas.»

A guerra esgotou a capacidade financeira dos países beligerantes. Os estados tiveram de fabricar moeda falsa que os povos tomaram por bôa, inflando desmesuradamente a sua circulação fiduciária, criando uma falsa riqueza que transtornou a economia do mundo e a fazenda dos estados.

«A ideia de que as despesas da guerra possam ser pagas totalmente ou na sua maior parte pelos países vencidos, não a aceitam hoje homens competentes ou espíritos reflexivos. Elas foram tamanhas que excedem a capacidade dos

Estados vencidos, muitos dos quais necessitam, para subsistir, o auxílio dos povos vencedores, os quais, sem isso, terão de sofrer as consequências do desaparecimento e aniquilação daqueles.

«Não há, no campo económico, a separação e independência que existe no campo político; no económico todas as economias são solidárias, todo o desastre que afecte uma economia nacional se traduz, por repercussão fatal, num quebranto da economia universal.»

*

Só ha dois caminhos para encontrar a solução mais racional e positiva para pagar o elevadíssimo custo da última guerra. «Ou o paga a riqueza acumulada e existente, ou se impõe um pezadíssimo encargo à riqueza a produzir no futuro. Numa palavra, ou pagam a guerra os capitalistas de hoje, ou os produtores que representam o futuro. Eu inclino-me resolutamente para a primeira solução. Poderá discutir-se a justiça desta; mais ainda: sob êsse aspecto, julgo mais justo que pague a guerra a geração que cometeu a loucura de a promover, do que se lance uma carga pezadíssima sobre os ombros inocentes das futuras gerações...»

«Porém, deixando o campo impreciso e vago do justo e injusto, limitando a nossa visão ao campo económico, evidente resulta que é muito mais eficaz e possível pagar os gastos da guerra à custa da riqueza adquirida: esta existe já, não pode fugir ao encargo que se lhe impuzer, enquanto que se se endossa êste à produção futura, corre-se o grave risco de que o encargo mate o estímulo e a produção de riqueza diminua.

«Sacrificando o capital ocioso, e favorecendo o que trabalha, aumenta o número e a energia dos trabalhadores, fomenta-se o trabalho e com êle a riqueza. Seguindo o caminho contrário, fomenta-se e gratifica-se o ócio, e roubam-se os estímulos ao trabalho.»

Depois de um interessante estudo sobre os encargos financeiros nos países de moeda sã e nos de moeda desvalorizada, a situação da Alemanha, e o Problema Russo, conclui pela necessidade urgente, para a saúde económica do mundo, da restauração da Rússia, pela contribuição do concurso técnico de todos e principalmente da Alemanha, e da ajuda financeira dos Estados Unidos. «Creio que não há outro remédio senão realizar essa obra através dos actuais detentores do poder na Rússia, porque a maior das aventuras seria sonhar de novo com contra-revoluções, e porque nada há mais difícil e caro do que ensaiar condutores de povos e aprendizes de governantes.»

*

«Por ventura a maior dificuldade para se chegar à solução do problema russo e de quantos perturbam a economia mundial, deriva fundamentalmente do estado de consciência nos Estados Unidos. Estes não sentem solidariedade com os problemas europeus, e os problemas europeus não podem resolver-se sem o concurso dos Estados Unidos.»

Mesmo antes de fazer a guerra à Alemanha, os Estados Unidos fizeram-se, tornaram-se solidários com a Europa e os seus mais graves problemas. Com a guerra passaram de devedores a credores do velho continente. Mas, se exigirem à Europa os seus créditos contra ela, obterão a ruína da Europa, e também, pelo congestionamento dos seus produtos sem mercados no velho mundo, provocarão a sua própria ruína.
